

O LETRAMENTO DE BRIAN STREET E AS IDENTIDADES PÓS-MODERNAS DE BAUMAN E HALL

THE BRIAN STREET LETTER AND THE POST-MODERN IDENTITIES OF BAUMAN AND HALL

Rodrigo Mazer Etto 1
Valeska Gracioso Carlos 2

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem,
Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 1
E-mail: etto.rodrigo@gmail.com

Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem,
Identidade e Subjetividade da Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2
E-mail: vgracioso@uol.com.br

Resumo: A partir da análise dos resultados da pesquisa realizada por Kathleen Rockhill (1987) com um grupo de mulheres hispano-americanas em Los Angeles, este trabalho tem por finalidade propor uma reflexão entre práticas de letramento nas perspectivas teóricas de Brian Street (1984, 1993, 2014), Ângela Kleiman (1991, 1995) e Magda Soares (1998) e as construções de identidade, segundo concepções teóricas contemporâneas sobre identidades sociais de Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2000, 2005), Kathleen Woodward (2000) e Tomaz Tadeu da Silva (2000), utilizando da metodologia de revisão bibliográfica. Nesse sentido serão evidenciadas as relações entre discurso e contexto social, a posição do letramento no contexto do poder e da ideologia, não como técnica ou habilidade neutra e a questão a identidade e do letramento como construções contínuas e não como algo dado pronto e completo em si mesmo. O artigo mostra a presença da ideologia e das relações de poder nas práticas de letramento, considerando que através de práticas sociais, o letramento permite o estudo das identidades porque possibilita compreender as respostas de uma pessoa ou grupo a uma determinada demanda da vida que de alguma forma envolve a linguagem.

Palavras-chave: Stuart Hall. Identidade. Brian Street. Letramento.

Abstract: Based on the results of the research conducted by Kathleen Rockhill (1987) with a group of Hispanic American women in Los Angeles, this paper aims to propose a reflection between literacy practices in the theoretical perspectives of Brian Street (1984, 1993, 2014), Ângela Kleiman (1991, 1995) and Magda Soares (1998) and identity constructions, according to contemporary theoretical conceptions of social identities of Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2000, 2005), Kathleen Woodward (2000) and Tomaz Tadeu da Silva (2000), using bibliographic review methodology. In this sense, the relations between discourse and social context, the position of literacy in the context of power and ideology, not as a technique or neutral skill, and the question of identity and of literacy as continuous constructions will be evidenced, not as something given ready and complete in yourself. The article shows the presence of ideology and power relations in literacy practices, considering that through social practices, literacy allows the study of identities because it makes it possible to understand the responses of a person or group to a certain demand of life that of some Way involves language.

Key words: Stuart Hall. Identities. Brian Street. Literacy.

Introdução

Esse trabalho visa propor uma reflexão entre práticas de letramento e identidades sociais, utilizando a metodologia de revisão bibliográfica, num momento de grandes mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas como do início desse século, considerando as transformações no campo das ciências e a emergência de múltiplos paradigmas conceituais e teórico-metodológicos, que exigem novas abordagens sobre letramento e identidade, em virtude das teorias pós-modernas e pós-estruturalistas que tratam de letramento, identidade e linguagem.

A identidade será abordada na perspectiva teórica de Bauman (2005), Woodward (2000), Hall (2000, 2005) e Silva (2000), que a consideram como algo em constante construção, sendo vista como fragmentada, cambiante, instável, transformada continuamente pela interação com outras identidades e com o meio sociocultural. A identidade enquanto construto social exige que seja considerada na sua relação com a linguagem, pois as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada (WOODWARD, 2000).

Nessa abordagem teórica da identidade como construção pretende-se investigar os modos de representação da identidade social em sua relação com práticas de letramento, distinguindo-se o modelo autônomo de letramento do modelo ideológico, segundo referencial teórico de Street (1984, 1993, 2014), Soares (1998) e Kleiman (1991, 1995) que tratam as práticas de letramento numa abordagem em que essas são associadas com relações de poder e ideologia, não como tecnologias “naturalmente” neutras.

Diante do surgimento de novos modos de interação dos indivíduos dentro de uma sociedade, emergem novas práticas de letramento e ocorre a transformação de outras em novas configurações, envolvendo diferentes práticas de escrita conjugadas às diversas práticas orais. E como são variadas as práticas letradas, tanto de escrita quanto as orais, observa-se a necessidade de se repensar a questão do letramento em função do seu contexto sociocultural de produção.

O trabalho se divide em três partes, sendo que a primeira traz a questão das identidades sociais nas perspectivas de teóricos contemporâneos como Hall (2000, 2005), Woodward (2000) e Silva (2000); a segunda parte traz uma abordagem teórica sobre letramento segundo os novos estudos sobre letramento (SOARES, 1998; KLEIMAN, 1991, 1995; STREET, 1984, 1993, 2014), e a terceira se propõe analisar a presença de ideologia e de relações de poder na relação entre construção de identidades e práticas de letramento, através do método de revisão bibliográfica, utilizando uma pesquisa realizada nos Estados Unidos (ROCKHILL, 1987), envolvendo questões de identidade e letramento com mulheres hispano-americanas em Los Angeles. Pretende-se, com as comparações teóricas entre letramento e construção de identidade, responder as seguintes perguntas: de que modo a presença da ideologia e das relações de poder pode ser evidenciada nas novas teorizações sobre identidade e práticas de letramento? Como as reflexões sobre identidade podem tornar o professor de línguas mais ciente do seu papel como educador?

A questão das identidades

Na atualidade fala-se muito em busca de identidade, seja de um indivíduo, de um povo ou de uma nação, pois as velhas concepções de identidade que vigoravam na sociedade, não dão mais conta de atender as demandas e necessidades sociais, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto por muito tempo como um sujeito unificado, completo (BAUMAN, 2005; HALL, 2000, 2005).

Estudiosos das Ciências Sociais como Bauman (2005), Hall (2000, 2005) e Woodward (2000) defendem a premissa que as identidades entraram em colapso em decorrência das transformações sociais, econômicas e tecnológicas, que ocorrem na contemporaneidade e rejeitam a identidade dos sujeitos vista como integral, criticando a concepção essencialista que durante muito tempo dirigiu o tema das identidades. Esses autores consideram que tais mudanças têm fragmentado as paisagens culturais e sociais de gênero, classe, etnia, sexualidade e outras que, no passado, permitiam que os indivíduos fossem claramente identificados como participantes sociais.

As identidades sociais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e outras são socialmente construídas e desempenhadas simultaneamente pelas pessoas envolvidas nas mais diversas práticas sociais. Ao se afastar da noção de identidade como uma imposição biológica ou como expressão de sua essencialidade, essa abordagem permite olhar a identidade como algo complexo,

provisório e heterogêneo, influenciado pela sua dimensão social, histórica e cultural. (HALL, 2000, 2005; WOODWARD, 2000).

Moita Lopes (2002) em seus estudos sobre a construção de identidades sociais evidencia os aspectos sociais que influenciam na constituição das identidades dos sujeitos e infere que a linguagem tem um papel importante nessa influência, pois a identidade se modifica nas diversas práticas discursivas em que atuam os indivíduos dentro de uma sociedade.

Stuart Hall (2005) também realiza estudos sobre concepções de identidade e distingue três definições de identidades que se sucederam ao longo do tempo. O conceito de sujeito do Iluminismo é caracterizado por um sujeito totalmente centrado, racional, cujo interior permanece essencialmente o mesmo ao longo da vida do indivíduo; o sujeito sociológico é representado por um sujeito com um núcleo interior, mas em constante interação com o exterior e, apesar dessa interação, o sujeito ainda apresenta uma essência interna; e finalmente o sujeito pós-moderno, que é representado por um sujeito sem identidade fixa, estável ou permanente. Segundo esse autor, a identidade do indivíduo é vista como fragmentada, cambiante, fluida e instável, formada e transformada continuamente na interação com outras identidades.

Letramento

Com a publicação da obra de Mary Kato, em 1986, intitulada *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, a palavra letramento surgiu no Brasil na década de 80. Nessa obra a autora afirma que a tarefa da escola é tornar o indivíduo funcionalmente letrado para responder às demandas sociais de uso da escrita, e dessa forma contribuir para a construção de um

[...] sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação (Kato, 1986, p.7).

Na década de 90, com a publicação de outras duas grandes obras intituladas: *Os significados do Letramento*, de Ângela Kleiman em 1995, em que a autora apresenta vários estudos sobre letramento desenvolvidos no país e, *Letramento: um tema em três gêneros*, de Magda Soares, lançado em 1998, houve uma intensificação nas discussões teóricas e metodológicas sobre letramento.

A partir da publicação dessas obras e dos novos estudos sobre letramentos realizados por Brian Street (1984, 1993, 2014), surgiu a necessidade de se considerar uma perspectiva de letramento que leve em conta sua natureza social e o caráter heterogêneo de suas práticas. Isso implica compreender os diversos tipos de letramentos como construções sociais e históricas, envolvidas por saberes, crenças e valores, e também inscritas em relações de poder diferentes no tempo e espaço, e diversas de um grupo social para outro.

O termo letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos no intuito de separar os estudos envolvendo o impacto social da escrita dos estudos sobre alfabetização (KLEIMAN, 1995) e, devido aos vários tipos de estudos já efetuados sobre esse tema, e também para um melhor posicionamento teórico, além das conceitualizações dos autores citados acima, letramento também será visto como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (SCRIBNER e COLE, 1981).

Segundo Magda Soares (1998), na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias de vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea. A mesma autora defende que eventos de letramento são as situações em que a língua escrita é parte integrante da natureza da interação entre os participantes e de seus processos de interpretação, seja uma interação face a face, em que as pessoas interagem oralmente com a mediação da leitura ou da escrita, seja uma interação à distância, como a de leitor-autor. A distinção entre eventos e práticas de letramento é exclusivamente metodológica, já que são duas faces de uma mesma realidade (SOARES, 1998).

As práticas de letramento são os comportamentos exercidos pelos participantes num

evento de letramento, bem como as concepções sociais e culturais que o configuram, determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou da escrita em uma situação particular. Os novos estudos sobre letramento não pressupõem efeitos universais em suas práticas, e sim consideram que os efeitos sobre o letramento estão correlacionados aos contextos sociais e culturais dos grupos envolvidos em tal prática (KLEIMAN, 1991, 1995).

Brian Street (1984, 1993, 2014) em suas pesquisas sobre letramento conceituou dois modelos. O primeiro é o modelo de letramento autônomo, onde a escrita é autossuficiente, pois independe de seu contexto de uso e de produção, sendo que essa concepção de letramento preconiza a neutralidade e a autonomia dos usos e da aprendizagem da escrita e da leitura, e desconsidera a dimensão de poder presente nessas práticas. Como tecnologia neutra e prática da escrita, esse modelo representa mais uma habilidade cognitiva do que prática social e sua “autonomia” deve-se ao fato de que a escrita funcionaria como um produto completo em si, independente do contexto de produção para ser interpretado (KLEIMAN, 1995). Essa prática autônoma que prioriza um letramento único e neutro é reproduzida por tradições culturais ocidentais de prestígio associadas ao ensino da linguagem padrão e reduz o letramento a atributos individuais da escrita, como competências cognitivas/linguísticas universais e neutras, aplicáveis em qualquer situação de uso, em todos os tempos e espaços (STREET, 1984, 2014).

Reforçando a hegemonia do padrão da língua e marginalizando quem não tem acesso a ela, o modelo autônomo desconsidera contextos e aspectos sociais. Tudo isso redundando numa perspectiva em que a leitura e a escrita são vistas como independentes em si mesmas, descontextualizadas, cujos contextos de produção não influenciam na sua interpretação. Nessa perspectiva, o letramento é compreendido como fenômeno isolado, como atividade puramente dicotômica e técnica, centrada no indivíduo, sendo que a prática de um letramento único e autônomo com objetivos pré-definidos para os envolvidos, fundamentada em valores culturalmente limitados é uma ilusão (GRAFF, 1979; GRANT, 1986; GEE, 2015; STREET, 1984, 2014).

O segundo modelo chamado de letramento ideológico refere-se a práticas sociais de usos da linguagem e não representa uma técnica neutra, que possa ser reproduzida e repassada da mesma forma em vários contextos sociais diferentes (STREET, 1984, 2014; KEIMAN, 1995). Esse modelo reconhece uma multiplicidade de letramentos, considera que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos, e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não sendo simplesmente tecnologias neutras (STREET, 1984, 2014).

Por representar uma visão mais crítica das práticas de letramento, o letramento ideológico considera língua, contexto e cultura elementos indissociáveis e compreende suas práticas sempre relacionadas com determinadas visões de mundo, considerando que a leitura e a escrita se dão em um contexto específico, visando a atingir propósitos determinados. Em virtude disso compreende-se que o letramento é um fenômeno situado e inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento determinam o engajamento dos sujeitos que nelas constroem relações de identidade e de poder (STREET, 1984, 2014; KLEIMAN, 1995).

Identidade e Letramento

Ivanic (1998) utiliza o conceito de práticas de letramento, retirado dos novos estudos de letramento, para relacionar cultura e identidade e afirma que através de tais práticas, também sociais, o letramento permite o estudo das identidades porque possibilita compreender as respostas de uma pessoa ou grupo a uma determinada demanda da vida que de alguma forma envolve a aprendizagem da linguagem em um contexto social específico.

Nas práticas de letramento a identidade dos sujeitos envolvidos no processo deve ser vista como relação, não como uma característica fixa ou naturalmente dada (NORTON, 2000; LEFFA, 2013), pois a aprendizagem implica a construção contínua de identidades sociais dos sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem (RAJAGOPALAN, 2001).

A linguagem permite a (re) construção de identidades sociais (SILVA, 2000), sendo que estas são plurais, muitas vezes conflitantes e envolvidas em relações desiguais de poder (FOUCAULT, 2002). É através da linguagem que os sujeitos expressam suas ideias, seus anseios e preocupações, portanto, as investigações sobre identidades precisam abandonar a descrição dos sujeitos e

substituí-la pela ideia de transformação e movimento (BUTLER, 1997).

A construção social das identidades se dá através de atos discursivos que permitem “analisar como os participantes envolvidos na construção do significado estão agindo no mundo por meio da linguagem” (MOITA LOPES, 2002, p. 31). Portanto a identidade é resultado de “ato de criação linguística” (SILVA, 2000, p. 76), construída pela ação de sujeitos sociais e só adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada (WOODWARD, 2000).

Tanto o discurso quanto a identidade são fenômenos construídos, não concebidos de maneira fixa e universal, portanto construídos no interior do discurso, sendo necessário que se compreenda que as identidades são produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, 2005).

Essa relação entre cultura, letramento e identidade pode ser observada, levando em conta a importância dos aspectos ideológicos e de relações de poder, em um estudo realizado em Los Angeles (ROCKHILL, 1987), que analisou a relação entre identidade, linguagem e letramento envolvendo mulheres hispano-americanas. Nessa pesquisa evidenciou-se que tais mulheres (re) constroem outra identidade para si mesmas, alternativa, na qual o letramento ocupa uma posição importante, como elemento de aquisição de conhecimento e que lhes possibilitaria o ingresso em carreiras profissionais consideradas de maior status social, permitindo que elas realizassem o desejo da conquista do “Sonho Americano”.

Essas mulheres já praticavam um tipo de letramento na organização do lar e nas relações com os diversos órgãos governamentais, como escola e hospitais, mas elas consideravam esse letramento doméstico associado a baixo status, insuficiente e relacionado a uma identidade social que procuravam transformar.

As mulheres hispano-americanas almejavam outras ocupações, consideradas de maior status social, como secretárias e outras posições profissionais de maior prestígio e viam nas práticas de letramento oferecidas nos cursos ministrados em *colleges*, uma oportunidade de alcançar essas identidades profissionais de maior status social. As identidades relacionadas a uma maior posição na hierarquia social eram aquelas que lhes permitiriam libertar-se das condições econômicas e sociais em que se encontravam e a solução para essa libertação estava justamente nesses cursos, onde elas viam a possibilidade de alcançar as posições sociais de prestígio, veiculadas em revistas e filmes, desenvolvendo habilidades no uso da leitura e da escrita.

Para Ivanic (1998) a escrita é “um ato de identidade” no qual os indivíduos se adequam a condições socioculturalmente estabelecidas de estarem no mundo, reproduzindo ou contestando valores, crenças, práticas e discursos dominantes. É esse o caso das mulheres analisadas na pesquisa de Rockhill (1987), pois, estas, ao procurarem cursos em *colleges*, consideravam que as habilidades de leitura e escrita proporcionadas por tais cursos dariam suporte a outras identidades que lhes permitissem libertar-se das condições de pobreza, violência e dominação a que eram submetidas tanto na família quanto na sociedade.

Nas práticas de letramento, as formas de leitura e de escrita utilizadas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais dos aprendizes, sendo que essas expectativas se referem a modelos de comportamento e a papéis a desempenhar. Essa noção se configura importantíssima na construção de identidades por servir como resposta de uma pessoa ou grupo a uma determinada demanda da vida que, de alguma forma envolve a linguagem. Tais práticas de letramento são realizadas através da linguagem, e, no caso do modelo ideológico, através do uso social da linguagem.

Ao mesmo tempo em que essas mulheres almejavam esse tipo de letramento que as possibilitasse vislumbrar um novo horizonte profissional e social, muitas declaravam que o letramento em si, não era necessário para suas vidas, o que evidencia sua prisão doméstica e o consentimento com a situação tradicional familiar, que o discurso ideológico dominante reforça como falta de vontade do iletrado. Essa contradição se evidencia nas tradições de famílias estruturadas em papéis genéricos que privam a mulher de frequentar a escola, e as instituições públicas, com sua omissão, contribuem para essa contradição.

As mulheres da pesquisa eram pessoas que tinham o desafio de construir outro aspecto de suas identidades, que permitisse sua colocação profissional no mercado de trabalho. Para isso,

elas viam na aquisição do letramento uma possibilidade de contestar a ideologia e de regular a relação de poder presentes no discurso dominante que as submetiam e que lhes permitisse também contestar outros aspectos de sua identidade, como aquela que ainda teimava em reforçar a condição de submissão a qual procuravam transformar.

A identidade buscada por esse grupo de mulheres – identidade social de profissional de sucesso, relacionada às imagens exibidas no cinema e em revistas de moda, como “mulher bem sucedida”, dependia de outra identidade – aquela que já possuíam, que procuravam se evadir, de mulheres dominadas e vitimadas pelas condições hegemônicas de violência e precariedade em que se encontravam.

Dentro do campo conhecido como Novos Estudos de Letramento, a aprendizagem da escrita e as demais práticas de ensino/aprendizagem se tornam prática social sujeitas à uma série de restrições e condicionamentos sócio históricos e culturais, se enquadrando no modelo ideológico de letramento (STREET, 1984, 2014), onde esse é considerado como conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita intrinsecamente permeadas por relações de poder e ideologia, em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998).

A relação entre formas de letramento e práticas sociais também pôde ser verificada através de um estudo realizado em uma comunidade do Alaska (REDER, S; WIKELUND, K. R, 1993), no qual os resultados apontaram a presença da ideologia e das relações de poder nas práticas de letramento oferecidas em escolas públicas. Após ser colonizado pelo império russo, esse território foi comprado pelos Estados Unidos e o alfabeto utilizado para o letramento deixou de ser o cirílico e passou a ser o alfabeto latino, praticado em escolas públicas e mantido pelo governo americano. Essa transição de alfabetos criou um quadro de competição entre esses letramentos e possibilitou o surgimento de dois sistemas de significação, que ultrapassou a questão da escrita e do alfabeto e englobou a estrutura social e étnica da comunidade pesquisada, levando os autores a concluir que as práticas de letramento estavam ligadas aos significados sociais que as duas práticas representavam, sendo que tais significados se referiam às identidades locais e étnicas e também às instituições religiosas e políticas como a igreja ortodoxa russa ou o sistema de educação americano. A análise dos resultados dessa pesquisa permitiu a constatação da inutilidade da aplicação dos conceitos tradicionais de um modelo de letramento único e autônomo, desvinculado das relações sociais, de poder e da ideologia.

Na análise da relação entre práticas de letramento, identidade dos sujeitos envolvidos e o contexto social, os novos estudos sobre letramento têm sido muito importantes para clarear questões referentes às ações do letramento, suas funções e objetos simbólicos que configuram a identidade dos sujeitos, em virtude de seus estudos analisarem a maneira como a escrita e a leitura são utilizadas pelos indivíduos em seus domínios sociais, apontando que tais usos abrangem mais que a codificação ou decodificação de uma língua e considerando que os sujeitos agem e interagem com e através da língua, assumindo e negociando posições identitárias (IVANIC, 1998; KLEIMAN, 1995).

Considerações finais

A busca por novas identidades por parte do grupo em estudo permitiu a confirmação da presença do poder e da ideologia nas práticas de letramento, também presentes na construção da identidade almejada pelas mulheres hispano-americanas. Elas desejavam um tipo de letramento que lhes abrisse o caminho para a realização do “sonho americano”, apesar de já possuírem habilidades de letramento sociais, que desenvolviam na prática diária, mas que consideravam de baixo status e não suficientes para atingirem a posição que visavam.

A presença das relações de poder e de ideologia no letramento evidenciou-se na busca de outras identidades sociais (profissionais, como secretárias), relacionadas a uma profissão que lhes permitisse ascensão na hierarquia social e ao mesmo tempo as libertasse do julgo de homens dominadores. Elas tentavam contestar a relação de poder, presente na ideologia machista que ainda domina os contextos sociais e familiares em todas as sociedades, e que dá aos homens o poder de determinar o que as mulheres podem e devem fazer.

A relação de poder e a ideologia vinculada ao letramento procurado por essas mulheres, também evidencia a relação intrínseca entre práticas de leitura e escrita, ideologia/relações de

poder e o contexto social em que são realizadas, pois a relação de poder presente na aquisição desse tipo de letramento determinava suas posições no contexto social.

Esse letramento envolvido por relações de poder, autoridade, produção de sentidos e identidade e, defendido pelos novos estudos de letramento, permite relacionar cultura e identidade, considerando letramento como prática social, onde indivíduos se alinham a valores, crenças e interesses particulares. Em contrapartida o letramento no modelo autônomo, por desconsiderar a realidade social, não permite uma prática voltada para a consciência crítica de pessoas, pois veicula a permanência da ideologia da sociedade dominante. E justamente devido a essa falta de consciência crítica, essas ideologias não são contestadas e continuam sendo reproduzidas em práticas de ensino de leitura e escrita descontextualizadas do aspecto social, ideológico, e de relações de poder. O modelo autônomo traz a visão de que o conhecimento é algo pronto, não produzido, completo em si mesmo, não abrindo espaços para resistência, pois defende verdades absolutas, acabadas e desconsidera a influência e a presença do contexto social.

O elemento social e a ideologia, por sua vez, têm relação direta com a construção de identidades sociais, pois essas não são algo abstrato ou neutro, são políticas, imbricadas em relações desiguais de poder (NORTON, 2000; MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2013) e responsáveis por promover ou negar acesso a novos conhecimentos. O aspecto ideológico e de relações de poder também está presente na busca de novas identidades pelas mulheres em estudo referidas acima, pois da mesma forma que o letramento, as identidades também são influenciadas por questões ideológicas e de relações de poder, por serem discursivamente construídas e não serem propriedades dos indivíduos, sendo promovidas de acordo com o interesse político da ordem social dominante (MOITA LOPES, 2002). O estudo mostra que a identidade feminina era determinada pela ideologia dominante na sociedade em que viviam, pois as identidades das mulheres eram vistas como fixas, imutáveis e pré-determinadas, sendo relacionadas com atributos domésticos e de submissão ao universo hegemônico masculino.

Portanto, a produção da identidade dessas mulheres está estreitamente ligada a questões ideológicas e de relações de poder, associadas a representações sociais que sujeitos (em posições de privilégio) constroem acerca de outros, desprivilegiados (MASTRELLA-DE-ANDRADE; NORTON, 2013), e na pesquisa em questão, o discurso tradicional dominante determinava essas representações femininas.

As mulheres pesquisadas tinham o desejo de ascender socialmente e profissionalmente através da aquisição de práticas de letramento que as permitissem alcançar posições sociais de maior status, mas ao mesmo tempo, essas mesmas mulheres declaravam que o letramento não era necessário para suas vidas, o que evidencia sua prisão doméstica, condição que é reforçada por discursos dominantes da esfera pública que acusam o iletrado de falta de vontade, e reforçada pelas famílias tradicionalmente estruturadas que privam a mulher de frequentar a escola.

Como construção social a identidade, assim como a diferença, traduz o desejo das mulheres pesquisadas de garantir o acesso aos bens sociais almejados, cujo acesso é determinado pelas tradições dominantes, pois conforme Silva (2000) onde existe identidade e diferença aí está presente o poder de incluir, de classificar, de normalizar.

As reflexões sobre construção de identidades sociais podem contribuir para a consciência crítica de professores desde que se considere que esse processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: o de fixar e o de estabilizar (SILVA, 2000) e possui caráter “relacional” (WOODWARD, 2000), pois a identidade é marcada pela diferença, ou seja, ela depende de outras identidades que lhe forneçam as condições para que possa existir e, por serem sociodiscursivamente construídas, as identidades devem ser vistas como incompletas e mutáveis como no caso em estudo, em que as identidades almejadas pelas mulheres hispano-americanas tinham como referência a própria identidade a qual queriam transformar através da aquisição do letramento como forma de estabelecimento do poder e contestação do discurso ideológico dominante.

O reconhecimento do caráter transitório e fragmentado das identidades pode contribuir positivamente para a prática docente devido ao fato dessa prática ser realizada por meio da linguagem, que tem papel importante na construção das identidades dos sujeitos aprendizes, pois as identidades se reconfiguram através das diversas práticas discursivas que envolvem os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Esse entendimento de identidade se encaixa com o conceito proposto por Zygmunt Bauman (2005), no qual a identidade é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, alvo de um esforço, um objetivo, construído a partir do zero. Portanto, só faz sentido perguntar quem si é, se o indivíduo for capaz de acreditar que é outra coisa, além dele mesmo (BAUMAN, 2005).

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DA MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Mercado de Letras, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2002.

GEE, J. **Social linguistics and literacies: Ideology in discourses**. Routledge, 2015.

GRAFF, H. J. **The literacy myth: Literacy and social structure in the nineteenth-century city**. New York: Academic Press, 1979.

GRANT, A. Defining literacy: Common myths and alternative readings. In: **Australian Review of Applied Linguistics**, v. 9, n. 2, 1986, p. 1-22.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005.

IVANIC, R. **Writing and identity: The discursual construction of identity in academic writing**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co., 1998.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo, SP: Ática, 1986, p. 07.

KLEIMAN, A. B. **“O letramento na formação do professor”**. Resumo publicado nos Anais do VII Encontro Nacional da Anpoll Porto Alegre. Goiânia, 1991.

KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R.; NORTON, B. Pensando Identidades em contextos de ensino-aprendizagem de línguas: uma discussão retórica introdutória. In: **Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Práticas de Construção de Identidades**, v. 32, 2013, p. 17-60.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

NORTON, B. **Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change**. Editorial Dunker, 2000.

RAJAGOPALAN, K. ELT classroom as an arena for identity clashes. **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade**. São Paulo, SP: Humanitas FFLCH/USP, 2001, p. 79-90.

REDER, S.; WIKELUND, K. R. Literacy development and ethnicity: An Alaskan example. In: STREET, B. V. (Org.) **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge University Press, 1993, p. 176-197.

ROCKHILL, K. **Gender, language and the politics of literacy**. British Journal of Sociology of Education, v. 8, n. 2, 1987, p. 153-167.

SCRIBNER, S.; COLE, M.; COLE, M. **The psychology of literacy**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.

SILVA, T. T. D. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Autêntica Editora, 1998.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. V. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge University Press, 1993.

STREET, B. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno, São Paulo, SP: Parábola Editorial. 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. D.; HALL, S. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.

Recebido em 7 de julho de 2017.
Aceito em 16 de fevereiro de 2018.